

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA CURSO
DE GRADUAÇÃO DE PSICOLOGIA

MARTIN RAMOS DE OLIVEIRA PAYRITZ

RODRIGO MOURA DA SILVA

VINICIUS LACERDA

**O CONCEITO DE LIBERDADE: UM DIÁLOGO DE
ROGERS E SARTRE**

RECIFE/2020

MARTIN RAMOS DE OLIVEIRA PAYRITZ

RODRIGO MOURA DA SILVA

VINICIUS LACERDA

O CONCEITO DE LIBERDADE: UM DIÁLOGO DE ROGERS E SARTRE

Artigo apresentado ao Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Professor Orientador: Carla Lopes de Albuquerque, Especialista em Terapia Cognitiva Comportamental, Doutora em Psicologia e Docente da UNIBRA.

RECIFE/2020

MARTIN RAMOS DE OLIVEIRA PAYRITZ
RODRIGO MOURA DA SILVA
VINICIUS LACERDA

O CONCEITO DE LIBERDADE: UM DIÁLOGO DE ROGERS E SARTRE

Artigo aprovado como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Psicologia,
pelo Centro Universitário Brasileiro – UNIBRA, por uma comissão examinadora formada
pelos seguintes professores:

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)

Professor (a) Examinador (a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)

Professor (a) Examinador (a)

Prof.º Titulação Nome do Professor(a)

Professor (a) Examinador (a)

Recife, ____/____/____

NOTA:_____

*Dedicamos esse trabalho a Deus,
sem ele nada seria possível.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus pelas nossas vidas e por nos ajudar a enfrentar todos os obstáculos durante o curso, por ter nos concedido saúde, força e disposição.

Somos gratos às nossas mães e familiares que nos deram apoio e incentivo nos momentos difíceis enfrentados, e que contribuíram para nossa formação.

As queridas professoras: Fernanda Sarderlich que iniciou conosco a construção desse trabalho, a Bárbara Santos, que nos foi de grande ajuda e por fim nossa orientadora Carla Lopes que nos deu suporte necessário para o fechamento de mais um ciclo em nossas vidas, que ficará marcado em um ano totalmente atípico, em que todo o mundo precisou mudar por causa de um vírus mutante e mortal.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.

Todos nós sabemos alguma coisa.

Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso aprendemos sempre.”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

| | |
|-------------------------------------------------|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 08 |
| 2 REFERENCIAL TEÓRICO | 09 |
| 2.1 Liberdade segundo pensamento Rogeriano..... | 09 |
| 2.2 Liberdade segundo pensamento Sartriano..... | 11 |
| 2.3 A Liberdade no Contexto Emocional..... | 13 |
| 3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO | 15 |
| 4. RESULTADOS | 16 |
| 5. DISCURSÃO..... | 17 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 19 |
| REFERÊNCIAS..... | 20 |

O CONCEITO DE LIBERDADE: UM DIÁLOGO DE ROGERS E SARTRE

Martin Ramos de Oliveira Payritz¹

Rodrigo Moura da Silva

¹ Vinicius Lacerda¹

Carla Lopes de Albuquerque²

Resumo: O desenvolvimento desta pesquisa teve como objetivo definir o significado da palavra “liberdade” em meados do século XIX. Os séculos XVII e XVIII por entender que nestes séculos havia um movimento em curso chamado de Iluminismo por toda Europa, durante esses dois séculos o uso da palavra “liberdade” era usada em contextos diferentes. Com a chegada do século XIX surgiram dois brilhantes teóricos, Jean-Paul Sartre e Carl-Rogers que conceituaram o termo liberdade, porém ambos estavam em lugares completamente diferentes, cada um possuía um conceito de homem inserido no mundo bem diferente. Para tanto, estudo descritivo, fundamentado em revisão de literatura utilizando a Literatura Latino Americana e do Caribe em Saúde (LILACS) e Scientific Eletronic Library Online (SciELO) e autores como Rogers (1978) e Satre (1998) no período de agosto a novembro de 2020. Usando os descritores Sartre. Rogers. Liberdade. Os estudos mostram que os autores colocavam a liberdade como resultado de um autoconhecimento e descobertas do encontro com o outro. Consideração aceitação incondicional do seu eu interior e do outro. Diante dos achados é possível perceber um diálogo entre os Rogers e Satre sobre o conceito e vivência da Liberdade, mesmo cronologicamente separados.

Palavras-chave: Sartre. Rogers. Liberdade.

1 INTRODUÇÃO

O termo liberdade vem do latim “libertas” que significa “uma condição do indivíduo está livre ou caracteriza uma pessoa que não está se submetendo a outra” (AURÉLIO, 2001, p.457). A liberdade pode ser pontuada como algo que o indivíduo vive a partir do momento que não está submetido a desejos e anseios de outra pessoa.

A partir do movimento Iluminismo que se estabeleceu nos séculos XVII e XVIII, o povo daquela época defendia uma “liberdade” mais voltada para economia e política para anunciar os seus princípios e também as suas garantias empenhando-se sobre os aspectos gerais de suas vivências. O sujeito no século XIX era um ser no mundo que não apresentava uma “liberdade” e isso acabava gerando uma angústia em si próprio, pelo fato de não serem um ser com “liberdade” para expor o que estava em jogo como, por exemplo, seus princípios e suas garantias. (ENRIQUEZ, 2006).

O Estado esteve sempre presente em suas vidas para apresentar mobilizações sociais e averiguar essa realidade, sendo assim as características que se predominava no século XIX, é visível. Assim o Estado esteve sempre presente na rotina do indivíduo durante esse século, na tentativa de organizar as diversas áreas do saber. De maneira que as Escolas Politécnicas, Museus, Sociedades Científicas e Grandes Gênios fizeram com que oitocentos cientistas fossem contemplados pela euforia do saber técnico, esse foi o objetivo presente daquele século (ENRIQUEZ, 2006).

Discutir a liberdade no contexto emocional, a partir termo “essência” em que significa, explicar a origem da essência dos objetos através da consciência. Em meados do final da década de 1940, vários autores se destacaram no meio teórico, porém vamos enfatizar o teórico francês Jean-Paul Sartre, percebeu que o sujeito não tinha “liberdade”, pois eram seres mecanizados pelo Estado (CASTELO-BRANCO; CIRINO, 2016).

Ainda na mesma época, durante o período da revolução industrial, o sujeito era robotizado e não vivenciava a “liberdade” (EWALD, 2008). Por isso a característica que se predominava no conceito colocado por Sartre foi à procura da

valorização do homem no mundo e como explicar o modo concreto do sujeito da maneira que ele vive, pensado em sua liberdade (GIOVANETTI, 1993).

Assim, refletir sobre os efeitos da liberdade na atualidade considerando os teóricos Sartre e Rogers ao desenvolverem obras que foram colocadas com marcos científicos. Sendo registradas suas contribuições durante a sua luta para desvendar o existencialismo, trazer à tona a consciência frente à psicologia e filosofia (EDWALD, 2008).

Conhecer através da leitura sobre a filosofia existencialista o significado de liberdade na vivência do indivíduo como ser pensante e atuante na sua comunidade. Por exemplo, a obra “O Ser e o Nada” cuja autoria é de Jean-Paul Sartre um grande marco para o existencialismo, e como principal obra “Liberdade para Aprender”, de autoria de Carl-Rogers, ambos abordaram o conceito de liberdade de forma clara e coerente tendo como eixo norteador, o indivíduo (GIOVANETTI, 1993).

Contudo daremos a atenção em especial à terminologia “liberdade” do século XIX, em que no século XVII e XVIII vinha sendo compreendida em um contexto diferente, devido ao movimento do iluminismo pela Europa. Por isso o grupo preferiu enfatizar a liberdade em meados do século XIX, pois o mundo estava em guerra e as pessoas naquela época não tinham condições de fazerem suas próprias escolhas (SILVA, 2006).

Por tanto, a pesquisa tem como objetivo geral identificar os pensamentos rogeriano e sartreano acerca da liberdade. Assim, através da pesquisa desmembrar o conceito de liberdade e como pode ser potencializado nos dias atuais. Quando os indivíduos permeiam a vivência fora si mesmo, apenas seguindo os outros, apresentam dificuldade para tomar decisões. A importância deste estudo pode ser entregue um mínimo de incentivo para o autoconhecimento, sobre o olhar para dentro.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Liberdades segundo pensamento Rogeriano

Sendo o primeiro psicólogo a abordar as questões principais da Psicologia sob a ótica da Saúde Mental, Carl Rogers não acreditava na ideia de que todo ser

humano possuía uma neurose básica, Rogers defendia que o núcleo básico da personalidade humana tendia à saúde, ao bem-estar. A partir dessa concepção primária, o processo psicoterapêutico consiste em um trabalho de cooperação entre psicólogo e cliente, cujo objetivo é a liberação desse núcleo da personalidade, obtendo-se com isso a descoberta ou redescoberta da autoestima, da autoconfiança e do amadurecimento emocional (CASTELO-BRANCO; CIRINO, 2016).

Para isso institui três condições básicas e simultâneas que permite, dentro do relacionamento entre psicoterapeuta e cliente, ocorra à descoberta desse núcleo essencialmente positivo existente em cada um de nós. São elas: a consideração positiva incondicional; a empatia e a congruência.

Em linhas gerais, para Rogers a liberdade pode ser considerada através da aceitação incondicional é receber e aceitar a pessoa como ela é, e expressar um afeto positivo, simplesmente por que ela existe. Não sendo necessária uma troca de favores a empatia, mais precisamente, a compreensão empática. Esta por sua vez, consiste na capacidade de se colocar no lugar do outro, e ver o mundo pelos olhos dele e sentir como ele sente, comunicando tal situação para ele, que receberá esta manifestação como uma profunda e reconfortante experiência de estar sendo compreendido, não julgado (AMATUZI, 2010).

A linha de pensamento rogeriana está associada à crença de que o ser humano em sua essência é digno de confiança para gerenciar sua liberdade. Sendo assim torna-se algo essencialmente íntimo na vivência de sua liberdade dentro das suas escolhas e possibilidades (ROGES, 1976 p.59).

Todo ser humano tem a capacidade de continuar evoluindo. Para isso precisa saber sobre a sua Liberdade possibilitando um encontro consigo mesmo, no despertar novas possibilidades capacidades e realizações. Rogers defende a pessoa como sendo essência e organismo, na medida em que traz em si mesmo uma tendência natural que se desenvolve de uma forma construtiva e positiva (LEITÃO, 2018, p. 92).

A pessoa está plenamente no movimento da congruência quando existe um vínculo com sua liberdade. Este vínculo estabelecido entre a liberdade e sua existência tende a ser construído vagarosamente até encontrar se tornar sólido (MOREIRA, 2010).

A congruência essa condição que permitirá ao indivíduo se colocar no lugar do outro, vivenciando suas habilidades e possibilidades. Principalmente a habilidade

de expressar de modo objetivo seus sentimentos e percepções na reflexão e conclusão de si mesmo (AMATUZZI, 2010).

O notável da abordagem rogeriana são condições desenhadas que após longos estudos, chegou à conclusão de que as três condições que descobriu são eficazes como instrumento de aperfeiçoamento da condição humana. Qualquer tipo de relacionamento interpessoal, em sua vida, de relação familiar, amorosa, acadêmica e profissional (AMATUZZI, 2010).

No pensamento Rogeriano, a realidade é um fenômeno experiencial, onde cada ser humano reconstrói, em si mesmo, o mundo exterior. “Em cada indivíduo existe uma consciência que lhe permite optar em fazer escolhas”. Essa consciência pode ser autônoma ou interna e chamamos de liberdade (SILVA, 1983. p.94).

Rogers desenvolve a sua abordagem fundamentando-a na ativação do potencial humano inato “A tendência é uma realização em base construtiva da motivação humana. Ao contrário do que muitos imaginam, Rogers acredita que está base motivacional humana é positiva” (SILVA, 1983.p.94). Quando o indivíduo não está efetivamente protagonizando, a sua liberdade acaba vivendo um processo de incongruência, afastando-o da possibilidade de ser livre.

Esse afastamento da sua liberdade é o fato que pode gerar sentimentos negativos. Por tanto, quando o sujeito não se sente livre para ser o que quiser surgem sentimentos e ações negativas. Sentir o que não é o verdadeiro self, é caracterizado em um estado de incongruência, quando a experiência do organismo não está de acordo com a noção do eu formada pelo sujeito (BRTITO; MOREIRA. 2011. p.06).

2.2 Liberdades segundo pensamento Sartriano

A linha de pensamento sartriano está associada à crença de que a liberdade é algo que nós não devemos conquistar, só pelo fato da nossa existência ser uma forma de ser livre. Entretanto, o ser humano tem o direito de recusar a tomar consciência do seu ser, ou seja, pode dispensar da sua liberdade e fugir para se conceber como serem-se (PIRES, 2005).

Quando o ser humano toma consciência da sua liberdade percebe que prefere a angústia que é modo de sua liberdade como consciência. Durante

processo da angustia, é normalmente quando me descubro a minha própria liberdade (PIRES, 2005).

Continuando a linha de pensamento Sartre definiu que o ser humano está condenado a buscar da própria liberdade, sendo obrigado a fazer suas próprias escolhas (CASSOLA, et.al, 2008). *“É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio; e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer.* (SARTRE, 1973, p. 15 apud. SILVA).”

É na condenação que a liberdade leva ao homem á angustia na explanação do pensamento sartriano. Descrevendo a angustia da seguinte maneira: *“É na angústia que o homem toma consciência de sua liberdade, ou, se se prefere, a angústia é o modo de ser da liberdade como consciência de ser; é na angústia que a liberdade está em seu ser colocando-se a si mesmo em questão* (SARTRE, 1998, p.72)”.

Segundo o próprio Sartre, a palavra liberdade é configurada através de questionamentos existenciais, mais especificamente das constatações humanas. Em nossa atualidade existem diversas formas de não exercer a liberdade. Dificuldades de conciliar nossa própria liberdade e com a liberdade dos outros, o seu querer com o outro, a eterna competição superficial de poder. A existência se fazia objeto de estudo para Satre na sua busca pelo autoconhecimento, pelo seu desejo de ser (BUENO, 2007).

Continuando a linha de pensamento sobre as diferentes concepções e significados sobre o termo liberdade que foi utilizado ao longo da história para identificar a busca do indivíduo pelo sentido da vida. A leitura voltada para filosofia que apresenta três tipos de definições básicas para entender sobre a liberdade e a sua historicidade do homem. Porém, iremos dar uma ênfase maior no terceiro conceito de liberdade que vem a se explicar melhor sobre a temática que estamos procurando (BUENO, 2007).

A terceira noção de liberdade é a pessoal, que também é concebida como autonomia ou independência, porém, neste caso, autonomia da comunidade das pressões que a sociedade impõe ao indivíduo. Enfim, esse modo pessoal de liberdade trás consigo a ideia de que ser livre é poder dispor de si, pois reivindica para si uma clara autonomia: sente-se dona e responsável pelos próprios atos e tem a percepção do ser

independente das pressões que vêm do exterior e do interior (MONDIN, 1980, p. 108).

Liberdade pessoal interna é construída através das descobertas que o indivíduo faz sobre si mesmo. Sua posição frente às dificuldades, na criação de estratégias e possibilidades para construir autonomia ser e exercer seu direito de ir e vir.

2.3 A Liberdade no contexto emocional

Rogers em seu setting terapêutico trabalhava a questão da escuta com seus pacientes, observando que essas pessoas chegavam ao processo da congruência e ocorria que eles sentiam se restrito da sua liberdade. Mais de acordo Rogers e Kinget (1975). “A definição da terminologia incongruência ou desajustamento psíquico é quando a pessoa distorce ou impede elementos importantes da própria experiência durante as sessões”.

A aprendizagem significativa que Rogers apresenta não como acumulação de fatos, mas como uma aprendizagem que provoca modificação no comportamento da pessoa, nos seus pensamentos, sentimentos, nas atitudes e na personalidade como em todas as instâncias da sua existência. Esta aprendizagem dialógica permite que se compreendam os diversos tipos de sentimentos possíveis sob uma nova perspectiva (AMATUZZI, 2010).

Rogers conduzia a sua teoria no contexto emocional de que a liberdade cabe no grande espaço de pensar e sentir, ou seja, entender seus pensamentos e desejos, e sua relação com o mundo do lado de fora. É necessária uma aprendizagem emocional que consiste no relacionamento pleno entre indivíduo e sua percepção do mundo.

Para a pessoa que está em processo de aprendizagem emocional, seja em qualquer área de sua vida, o fato de ser ouvida, de ter alguém disposto a dedicar-lhe atenção, é libertador. Permite o primeiro passo para que a pessoa saia do seu lugar de conflito e sofrimento para um lugar de maior tranquilidade e alívio, sabendo que existe alguém que pode lhe compreender. Como diria Rogers (1983, p.14): “... quando sou ouvido, sou capaz de rever meu mundo e continuar”.

A ênfase ou focalização de aspectos peculiares ao ser que sofre, amplia deste modo à capacidade de lhe reduzir o sofrimento, por agora abordá-lo em sua totalidade, incluindo sua história de vida e o seus valores. No desenvolvimento da congruência o indivíduo duela com seus anseios e desejos e propõe para si mesmo um encontro real e livre consigo mesmo (AMATUZZI, 2010).

Na terapia baseada em possibilidades percebeu que muitos dos seus clientes chegam ao processo da congruência depois que percebiam e aceitavam possibilidades em sua vida pessoal, saindo do processo da incongruência em direção ao processo da congruência (MOREIRA, 2010 Apud ROGERS e KINGET. 1975).

Ao pontuar a liberdade considerando os acontecimentos deste ano atípico e fatídico de 2020 com incidência da Pandemia do Covid-19, foi perdido de certo modo o direito de ir e vir. Na verdade, esse direito existe, porém o preço a se pagar é muito alto. A pergunta principal, qual o preço da liberdade emocional e física nos dias atuais? Não existe resposta certa ou errada, apenas aquela que cada indivíduo esta disposto a fazer.

Por exemplo, no século XXI, surgiu um vírus que tem um formato de uma coroa na cidade de Whuann na China que se espalhou muito rápido, com sintomas parecidos com o da gripe, afetando os pulmões de forma agressiva não havendo opções de cura (OLIVEIRA et al, 2020).

Depois que o vírus chegou à Europa matando uma quantidade alta de pessoas e se instalou na América infectando uma quantidade alta de pessoas e foi se agravando estado de saúde e algumas pessoas não aguenta e chegavam a falecer, segundo a Organização Mundial de Saúde declarou de estado de emergência na saúde publica em todos os países (OLIVEIRA et al, 2020).

Não havia outra forma de proteger as pessoas a não ser o isolamento social em que os indivíduos deveriam permanecer em suas casa durante o período crítico de manifestação. Com avanço dos estudos científicos nomearam esse vírus de Covid – 19. Pois atualmente não existe uma vacina ou tratamento eficaz para essa doença (OLIVEIRA et al, 2020).

Durante esse cenário mundial, o quadro de insegurança é muito grande para a população. Entendemos que saúde mental das pessoas está sendo comprometida pelos noticiários e vale ressaltar que excesso de informações pode fazer com que

aconteça um adoecimento mental e como as pessoas internalizam essas informações.

3 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Entende-se que a pesquisa bibliográfica é uma revisão da literatura sobre as principais teorias que nortearam a construção do trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, no qual pode ser realizado em livros, periódicos, artigo de jornais, sites da Internet entre outras fontes.

Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266):

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

No total foram encontrados 1.920 materiais, para construção desse trabalho, utilizaremos apenas 21 artigos. Como critério de inclusão selecionaremos dissertações, revistas acadêmicas, material de língua portuguesa e textos que estejam interligados com tema do trabalho. Com critério de exclusão, não iremos abranger material do uso da língua inglesa ou estrangeira, sites que não estejam interligados de uso acadêmico, material do século XVII e XVIII. Pesquisamos pelas plataformas acadêmicas, Google Acadêmico; Scielo; PepsiCo; Bdt – UFPE; Bdt Nacional. Descritores que foram escolhidos, Rogers. Sartre. Liberdade.

Quanto à abordagem da pesquisa escolhida é qualitativa, para se trabalhar com esse tipo de pesquisa trabalha com os universos de significados, motivos, aspirações, crenças, valores, o que correspondem a um conhecimento mais profundo das relações dos processos nas relações, no processo dos fenômenos (MINAYO, 2001).

4 RESULTADOS

Seguindo “sua linha de pensamento, Rogers destaca em seu livro “Liberdade para Aprender” que existem “duas formas de liberdade”, a primeira liberdade que ele destaca é “liberdade acadêmica”, que significa: permitir que os estudantes e os professores expressem suas ideias e convicções sem pressão externas indevidas, e a outra liberdade que é destacada, “liberdade interior” que significa reduzir ao mínimo as pressões internas”. (ROGERS, 1978, p.46)

Na teoria Sartriana, conceituou-se a partir das leituras de livros, artigos e revista científica que, Sartre não definiu o termo “liberdade”, segundo o mesmo, não se pode definir o que é liberdade. Em suas palavras: Sou necessariamente a consciência (de) liberdade [...] minha liberdade não é uma qualidade sobreposta ou uma propriedade de minha natureza; é bem precisamente a textura de meu ser” (SARTRE, 1997, p. 543).

Com isso, aproxima o conceito de liberdade, sendo uma característica formadora para o ser humano. Para o filósofo, a liberdade e a angústia é formado pelo mesmo lado da moeda. Desta forma, na ação do homem, começa a vivenciar a sua própria experiência de liberdade, e a partir das suas escolhas que começam a ter consciência de que ser humano está absolutamente livre. Ao perceber possui a sua liberdade, o sujeito se vê imediatamente sozinho e responsável pelo seu próprio ser. Esta constatação pode gerar grande angústia, pois não há desculpas nem disfarces” (FONSECA, 2007, p. 34).

Essa característica é a formadora da nossa espécie a liberdade nos possibilita a forma de existir na maneira pela qual realizemos tudo aquilo que se faz possível entre os quais os contextos que estamos inseridos possam permitir. Segundo Cruz (2009, p. 124):

O existencialista declara frequentemente que o homem possui uma angústia para si. Tal afirmação significa o seguinte: “o homem que se engaja e que se dá conta de que ele não é apenas aquele que escolheu ser, mas também um legislador que escolhe simultaneamente a si mesmo e a humanidade inteira, não consegue escapar ao sentimento de sua total e profunda responsabilidade”. (Explorando o

conceito de liberdade para Sartre também foi possível notar uma aproximação frequente entre liberdade e responsabilidade).

Quando se utiliza a liberdade com responsabilidade o homem valoriza a sua escolha. A pessoa é quem ela se faz ser e o ser humano, são produzidos por atos puros. Se essa liberdade é absoluta, contudo a responsabilidade também (COSTA, 2012, p. 34). Sartre, em seu apanhado geral, aponta a importância da liberdade para uma constituição mais epistemológica do ser humano.

5 DISCUSSÃO

As primeiras civilizações que conceituam a terminologia liberdade foram os gregos. Nas percepções dos gregos, a liberdade era usada para designar as diferenças entre os homens livres e os escravos. Os gregos utilizaram o termo *eleuteros*, livres, para mostrar que homem não está escravizando. Já para civilização dos latinos, a terminologia liberdade vem da derivação do adjetivo *liber* (*liberto*) que significa que um indivíduo já estava pronto para adentrar na comunidade, pois a liberdade para os latinos aplicava-se ao homem em que o espírito da procriação se encontrava naturalmente ativo (MORA, 2001).

Visto que foi apresentado até agora é possível perceber que nas leituras tanto Rogers quanto a de Sartre, a liberdade é uma substância formadora do que é o ser humano. Em cada indivíduo é evidente que a consciência lhe permite significar e optar. Essa mesma consciência que possuímos pode ser tanto autônoma ou interna é o que podemos dizer que é a liberdade (ROGERS, 1983. p.94).

O conceito da terminologia “liberdade” como uma condição indispensável para ser humano, da qual, ele nunca poderá definitivamente se esquivar, portanto o ser humano está completamente condenado a ser livre. E a partir dessa condenação que a liberdade que tanto o ser humano deseja acaba se formando, logo não existe nada que possa obrigar o ser humano agir dessa forma ou daquele modo (SILVA 2013. p. 94 Apud SARTRE).

Rogers relacionou a ideia de liberdade a uma maior qualidade de vida e crescimento humano. Como aponta Rogers (1994), na terapia não é o conteúdo, mas a qualidade da expressão o mais importante. É o progresso, na terapia que se refere a uma maior aproximação do indivíduo de “sua própria experiência”. Porém, devemos levar em consideração que responsabilidade e a liberdade evoluem juntas, alavancando as possibilidades de agir de acordo com as suas perspectivas entendendo as consequências das escolhas a partir das experiências já adquiridas.

Entendemos que na liberdade não é algo limitado, por isso é algo exterior a ela, e ainda assim é totalmente unificada. A validade é absoluta da liberdade é afirmada categoricamente e, contudo, as condições de sua concretização (negação), em conformidade com minha contingência e facticidade, são plenamente respeitadas, sem o menor pré-julgamento sobre se as manifestações específicas de minha liberdade, unificada sob meu projeto global único, serão marcadas pela “autenticidade” ou pela “má-fé”. (MÉSZÁROS, 2012, p.155).

Por isso, percebemos que a liberdade é condicionante do homem, é a possibilidade de torna-se responsável pelas suas ações, ainda que esta represente uma angústia em toda sua existência cotidiana.

[...] o que se poderia chamar de moralidade cotidiana exclui a angústia ética. Há angústia ética quando me considero em minha relação original com os valores. Estes, com feito, são exigências que reclamam um fundamento. Mas fundamento que não poderia ser modo algum o ser, pois todo o valor que fundamentasse sua natureza ideal sobre seu próprio ser deixaria por isso de ser valor e realizaria a heteronomia de minha vontade (SARTRE, 1998, p. 82 Apud. SILVA).

Quando estamos em um processo de angústia para encontrar nossa liberdade, significa que temos que procurar representar nossa própria realidade humana. A partir do momento que o homem está diante de uma nova escolha, ressignifica sua vida e seu próprio ser, por isso o ser humano entram nesse processo.

[...] Como vimos, para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tão pouco de dentro, que ele possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonado, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, ser nada do ser. Se começássemos por conceder o homem como algo pleno, seria absurdo procurar nele depois momentos ou regiões psíquicas em que fosse livre: daria no mesmo buscar o vazio em um recipiente que previamente preenchamos a borda. O homem não poderia ser ora livre, ora escravo: é inteiramente e sempre livre, ou não o é. (SARTRE, 1998, p. 545 Apud. SILVA).

Portanto, na psicologia o diálogo entre os dois autores são subjetivos e inerentes a sua própria concepção e reação dos fatos ao decorrer da sua existência. É para a relação consigo mesmo em que o fenômeno a ser clarificado nessa relação está na necessidade que o indivíduo tem para entender a experiência de desenvolver uma profunda empatia com ele mesmo. Ao entrar em seu mundo, percebê-lo a partir da perspectiva dele, e ao mesmo tempo, ser capaz de estar em contato com sua própria experiência.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que as relações humanas tornam-se cada vez mais incertas com valores individuais em pontos de vistas distintos. Enfrentar a dor da liberdade significa algo na sua frente e representa a causa da própria realidade humana, vida, talvez não se sinta angustiada.

Entretanto isso não é uma garantia, até os homens mais livres sentem angústias. Pois constitui uma das mais importantes vertentes do desenvolvimento humano, ou seja, a liberdade é sinônima de ambivalência, pois ao mesmo tempo carrega incertezas que levam as pessoas ao desespero.

Analizou-se que para Sartre, o homem poderá fazer suas próprias escolhas, porque ele é um ser livre, visto que terá consciência das suas responsabilidades. Atentamos que para Rogers à medida que a pessoa chega ao modo do processo da incongruência é importante durante sua evolução colocar a pessoa no processo da congruência para conseguir encontrar sua liberdade.

Uma coisa que homem não poderia optar é de não ser livre, porque isso poderia ocasionar uma renúncia de si mesmo. Sua liberdade é o alicerce de toda a moral, mas nada explica que este ou aquele valor seja melhor. Se a liberdade do homem é o alicerce absoluto, então, a moral não existe se não no próprio homem, manifesta, exclusivamente, em seu agir concreto.

REFERÊNCIA

- AMATUZZI, M. **Aspectos fenomenológicos do pensamento de Rogers.** Memorandum, 19, 11-25. 2010.
- AURELIO, **Dicionário.** Editora Nova Fronteira, Rio Janeiro, p.457,2001.
- BOCCATO, V. R. C. **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação.** Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.
- BORJA, W. de. **Sobre a Autenticidade na Filosofia de Sartre.** 2004, P. 18
- CASTELO-BRANCO, P. & CIRINO, S. **Reflexões sobre a consciência na fenomenologia e na abordagem centrada na pessoa. Gerais.** Revista Interinstitucional de Psicologia, 9(2), 241-258. 2016.
- FONSECA, M. J. M. **Carl Rogers: Uma Concepção Holística do Homem-da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno.** Millenium-Journal of Education, Technologies, and Health, P. 34, 2007.
- BRITO R. M. M & MOREIRA, V. **“Ser o que se é” na psicoterapia de Carl Rogers: um estado ou um processo?** . Memorandum, 20, p.6, 2011.
- CRUZ, B. A. B. et al. Subjetividade, liberdade e existência: aproximações e distanciamentos entre Sartre e Rogers. 2009.
- DOS REIS COSTA, V. H.. **Autenticidade e alívio: Kundera além de Sartre.** Guairacá-Revista de Filosofia, v. 28, n. 1, p. 27-55, 2012.
- ENRIQUEZ, E. **O homem do século XXI: sujeito autônomo ou indivíduo descartável.** RAE eletrônica, v. 5, n. 1, p. 0-0, 2006.
- LEITÃO, G. A. **Psicologia Humanista.** Memorandum: Memória e História em Psicologia, v. 12, p.92, 2018.
- MOREIRA V. **Revisitando as fases da abordagem centrada na pessoa.** Estudos de Psicologia (Campinas). 2010 Dec; 27(4): 537-44
- MÉSZÁROS, I. **A obra de Sartre.** Tradução: Rogério Bettoni. São Paulo: Boitempo, 2012.
- MORA, J. F. **Dicionário de filosofia.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- OLIVEIRA AC, LUCAS T. C, IQUIAPAZA RA. **O que a pandemia da covid-19 tem nos ensinado sobre adoção de medidas de precaução?.** Texto & Contexto-Enfermagem. 2020; 29.
- ROGERS, Carl R. **Liberdade para aprender.** p.45,1978.

ROGERS, Carl. **Aprender a ser livre**. In: ROGERS Carl e STEVE, Barry. De Pessoa para Pessoa. São Paulo, Pioneira, 1976, p. 59.

SILVA, C. A. F. **O brotar originário da liberdade: Sartre e a existência radical**. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade. p. 94, 1983.

SILVA, M. **Sujeito e história: a filosofia de Sartre entre a liberdade e o determinismo**. Anais Seminário de Iniciação Científica, n. 21, 2006.

SILVA, A. M. V. B. **A concepção de liberdade em Sartre**. Rev. Filogênese, v. 6, n. 1, 2013.

SILVEIRA, D. T., GERHARDT, T. E., **Métodos de pesquisa**. 1 ed. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2009.

SARTRE, V. R. H et al. **Má-Fé e psicanálise existencial em Sartre**. P. 543, 1997.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril S.A. p. 82, 1998.